Revista Comunicação Universitária

RETRATOS DA ALFABETIZAÇÃO A PARTIR DA AVALIAÇÃO DE FLUÊNCIA LEITORA: O CASO DE SANTARÉM NOVO - PA

PORTRAITS OF LITERACY FROM THE ASSESSMENT OF READING FLUENCY: THE CASE OF SANTARÉM NOVO - PA.

RETRATOS DE LA LECTOESCRITURA DESDE LA EVALUACIÓN DE LA FLUIDEZ LECTORA: EL CASO DE SANTARÉM NOVO - PA.

Fabio Colins* e Dayce Kelly Pompeu Chaves**

RESUMO

A alfabetização das crianças tem sido motivo de preocupação. Diante disso, o governo federal, em regime de colaboração com os estados e municípios, tem investido em políticas de alfabetização. Contudo, os resultados indicaram que muitas crianças que terminam o segundo ano de escolarização não estão alfabetizadas plenamente. Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo compreender o nível de fluência leitora dos estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Santarém Novo - PA. Em termos metodológicos, foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória a partir dos resultados da avaliação de fluência leitora fornecidos pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e pelo Ministério da Educação. Os dados foram referentes ao perfil de saída das crianças que concluíram os dois primeiros anos de escolarização. Os resultados mostraram que a maioria dos estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental são pré-leitores nível 4, ou seja, aqueles que leem somente palavras soltas. Portanto, conclui-se que ao monitorar a fluência leitora, é possível detectar dificuldades como problemas de decodificação, falta de automatização ou baixa consciência fonológica.

Palavras-chave: Leitura. Fluência. Alfabetização. Ensino Fundamental.

*Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: Trav. Francisco Caldeira Castelo Branco, 21, Condomínio JUTANA, São Braz, Belém, Pará, Brasil, CEP: 66063-000. E-mail: fabiocolins@ufpa.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9138-1712. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4404734777828009.
**Licenciada Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (SEMEC), Santarém-Novo, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: Alameda Trinta e um, 31, Conjunto Maguari, Coqueiro, Belém, Pará, Brasil, CEP: 668230-99. E-mail: daycekellypompeu@hotmail.com
ORCID: https://orcid.org/0009-0008-0678-9934. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0996813063869280.

ABSTRACT

Children's literacy has been a cause for concern. In view of this, the federal government, in collaboration with states and municipalities, has invested in literacy policies. However, the results indicated that many children who finish the second year of schooling are not fully literate. In this context, this research aims to understand the level of reading fluency of students in the 2nd year of Elementary School in the municipal public network of Santarém Novo-PA. In methodological terms, a qualitative exploratory research was carried out based on the results of the reading fluency assessment provided by the Center for Public Policies and Education Evaluation of the Federal University of Juiz de Fora and by the Ministry of Education. The data referred to the exit profile of children who completed the first two years of schooling. The results showed that most students in the 2nd year of Elementary School are level 4 pre-readers, that is, those who read only single words. Therefore, it is concluded that by monitoring reading fluency, it is possible to detect difficulties such as decoding problems, lack of automation or low phonological awareness.

Keywords: Reading. Fluency. Literacy. Elementary School.

RESUMEN

La alfabetización de los niños ha sido motivo de preocupación. En vista de esto, el gobierno federal, en colaboración con los estados y municipios, ha invertido en políticas de alfabetización. Sin embargo, los resultados indicaron que muchos niños que terminan el segundo año de escolaridad no están completamente alfabetizados. En este contexto, esta investigación tiene como objetivo comprender el nivel de fluidez lectora de los estudiantes de 2º año de la Escuela Básica en la red pública municipal de Santarém Novo-PA. En términos metodológicos, se realizó una investigación cualitativa exploratoria a partir de los resultados de la evaluación de fluidez lectora proporcionada por el Centro de Evaluación de Políticas Públicas y Educación de la Universidad Federal de Juiz de Fora y por la Secretaría de Educación. Los datos se referían al perfil de egreso de los niños que completaron los dos primeros años de escolaridad. Los resultados mostraron que la mayoría de los estudiantes de 2º año de Educación Primaria son prelectores de nivel 4, es decir, aquellos que leen solo palabras sueltas. Por lo tanto, se concluye que mediante el seguimiento de la fluidez lectora, es posible detectar dificultades como problemas de decodificación, falta de automatización o baja conciencia fonológica.

Palabras clave: Lectura. Fluidez. Alfabetismo. Escuela primaria.

1 INTRODUÇÃO

A leitura de um texto exige muito mais que a habilidade de decodificar o escrito ou compartilhar informações entre os interlocutores da leitura. Para Koch e Elias (2016), o leitor é levado a mobilizar um conjunto de habilidades e de estratégias para construir sentido ao material lido. No entanto, isso requer ser um leitor fluente, aquele que participa ativamente do processo de construção de sentidos dados ao texto. Diante disso, o governo federal, em forma de pactuação com os estados e municípios, tem investido na avaliação da fluência leitora das crianças em fase de alfabetização.

Nesse contexto, esta pesquisa tem como foco a avaliação da fluência leitora (AFL) das crianças em fase de alfabetização. Pesquisar sobre a AFL tornou-se necessário, pois essa avaliação fornece informações relevantes sobre o progresso das crianças na leitura e identifica aspectos que precisam ser trabalhados para garantir o desenvolvimento pleno de suas habilidades. Nesse sentido, a fluência leitora refere-se à capacidade de ler um texto com precisão, velocidade e expressividade, promovendo a compreensão (Puliezi e Maluf, 2014).

De modo geral, os resultados da AFL têm mostrado que muitas crianças chegam ao final do ciclo de alfabetização, 3º ano do Ensino Fundamental, sem terem dominado as propriedades do sistema de escrita alfabética e sem terem sidos alfabetizados de forma plena mesmo que isso seja um dos objetivos principais da educação básica “a alfabetização plena e a formação de leitores”, como um dos principais requisitos para o pleno desenvolvimento do educando (Brasil, 1996). Por isso, faz-se necessário desenvolver pesquisas que discutam políticas educacionais para a formação do professor alfabetizador e para melhorar a alfabetização das crianças.

Por outro lado, os professores alfabetizadores têm utilizam instrumentos de avaliação da fluência leitora das crianças? Como os resultados da avaliação da fluência leitora dos estudantes em fase de alfabetização têm sido considerados no planejamento pedagógico? Desse modo, surgiu a seguinte pergunta de pesquisa: *Como está o nível de fluência leitora dos estudantes da rede municipal de Santarém Novo-PA que concluíram os dois primeiros anos do ensino fundamental?* Ao avaliar a fluência leitora das crianças, é possível identificar as principais dificuldades na leitura. Assim, esta pesquisa tem como objetivo compreender o nível de fluência leitora dos estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Santarém Novo-PA.

Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa e do tipo exploratória. O contexto da investigação foram dez escolas da rede municipal de Santarém Novo-PA que participaram da avaliação de fluência leitora realizada pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF) e o Ministério da Educação (MEC). Os participantes foram os estudantes matriculados regularmente no 2º ano do Ensino Fundamental que realizaram a AFL em 2023. A partir do método de análise de conteúdo (Bardin, 2016), os dados da AFL, divulgados em 2024, foram interpretados com a finalidade de compreender o perfil leitor das crianças que concluíram o 2º ano do Ensino Fundamental. Desse modo, nesta pesquisa, foram utilizados somente os resultados da segunda avaliação aplicada pelo CAEd/UFRJ, ou seja, a avaliação do perfil de saída.

Os resultados mostraram que a maioria dos estudantes da rede municipal de Santarém Novo-PA estão na condição de pré-leitores nível 4, ou seja, aqueles que leem apenas palavras soltas, que ainda possuem bastante dificuldade em ler frases ou pequenos textos. Isso mostra a importância de a gestão municipal investir na formação de seus alfabetizadores e na aquisição de materiais didático-pedagógicos voltadas para a apropriação do sistema de escrita alfabética.

2 ASPECTOS DA LEITURA FLUENTE

É comum ouvirmos falar, na escola principalmente, sobre a importância de saber ler para conviver melhor em sociedade. Discute-se também sobre na escola, em casa, cultivarmos o hábito de leitura nas crianças e adolescentes, e que a escola tem o papel de formar leitores cada vez mais fluentes.

Contudo, o que é leitura? Essa pergunta possibilita uma variedade de resposta. Para Koch e Elias (2016, p. 10), a leitura é entendida como “a atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos construídos sociocognitivo-interacionalmente”. Percebe-se, portanto, que ler não resume-se ao ato de decodificar, mas consiste em um processo de interação entre quem escreve e quem ler, mediado pelo texto.

Segundo Villardi (1999, p. 4), “ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas para exercer a cidadania”. Do mesmo modo, nota-

se que o processo de leitura não está restrito ao ato mecânico de decodificação de palavras ou frases soltas, requer do leitor conhecimento de mundo.

A leitura possibilita garantias para quem vive em uma sociedade letrada, visto que saber ler, ou seja, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos e diferentes finalidades contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas. Conforme Solé (1998, p. 22), ler "é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer *[obter uma informação pertinente para]* os objetivos que guiam sua leitura". Compreende-se, então, que o ato de ler tem uma finalidade, isto é, sempre lemos para atender a um objetivo intencional, mesmo que seja um processo de ler para deleitar-se.

Nesse contexto, isto é, a leitura processo sociointeracionista, ler envolve a presença de um leitor ativo que processa e avalia o texto lido. Porém, isso implica sempre na existência de uma finalidade que guie a leitura. Exemplo disso, quando lemos uma bula, temos a intenção de saber, pelo menos, como o remédio deve ser administrado, qual seus efeitos colaterais ou o que fazer quando esquecermos de tomar o remédio conforme programado. Então, o que interpretamos do que lemos está pautado no objetivo que buscamos alcançar.

Nessa perspectiva, segundo Koch e Elias (2016), é no processo de interação entre o leitor e o texto, que é construído ou dado sentido ao que foi lido.

> A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (Koch e Elias, 2016, p. 11).

Então, a leitura trata-se de um processo em que se dede levar em considerações, além das habilidades linguísticas, as experiências e os conhecimentos socioculturais do leitor. Por isso, o ato de ler exige muito mais que o leitor tenha conhecimento do código linguístico, pois o texto não é simplistamente um produto da codificação do emissor, que precisa passivamente ser decodificado pelo leitor/receptor.

Nesse contexto, para ler faz-se necessário, concomitantemente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e apontar ao texto nossos objetivos, ideias, experiências prévias, envolvendo também um processo de previsão e inferência contínua. Isso apoia-se "na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas" (Solé,

1998, p. 23). Portanto, para se compreender a linguagem escrita, é preciso ser um leitor fluente.

A leitura fluente não tem uma definição consensual entre os pesquisadores. No entanto, existem aspectos que a caracterizam como fluente, por exemplo, precisão, automaticidade e prosódia. Segundo Puliezi e Maluf (2014, p. 473), "a compreensão é a parte mais importante da definição da fluência na leitura e enfatizam que a prosódia da leitura oral reflete a compreensão". Então, compreender o que foi lido determina a fluência na leitura.

Para Puliezi e Maluf (2014, p. 473), "a fluência na leitura é precisa, eficiente e ocorre com razoável velocidade que varia com o tipo de texto, e envolve boa compreensão do significado do texto". Nesse sentido, o leitor fluente tem a capacidade de atribuir sentido e significado ao texto lido e rejeita o pressuposto de que o recita, exceto se a atividade de leitura consistir na declamação de um poema.

De acordo com os componentes que caracteriza uma leitura fluente, a *precisão* na leitura refere-se "à habilidade de reconhecer ou decodificar as palavras corretamente" (Puliezi e Maluf, 2014, p. 474). Isso requer conhecimento preciso sobre as regras do sistema de escrita alfabética (SEA), isso significa ler simultaneamente um número variado de palavras. A precisão na leitura deve-se ao reconhecimento automático de palavras que compõe o vocabulário do leitor ou o campo semântico consolidado em sua memória.

Nesse sentido, a fluência de leitura é uma habilidade que inclui a rapidez com que se ler uma palavra ou conjunto de palavras, bem como aquelas relacionadas à fluência de leitura de um texto. Portanto, pode-se inferir que no início do desenvolvimento das habilidades de leitura, o reconhecimento de palavras amplia-se conforme a precisão na leitura e que os recursos cognitivos obtidos com a automaticidade derivam, sobretudo, da leitura rápida e precisa de palavras.

Por outro lado, Puliezi e Maluf (2014) destacam o equívoco criado em relação ao leitor fluente, que consiste em

> [...] considerar o reconhecimento automatizado de palavras como uma estratégia para a leitura, pois uma estratégia envolveria uma escolha de procedimentos para otimizar os resultados e o reconhecimento de palavras acontece automaticamente, não é uma questão de escolha. Quando os indivíduos reconhecem as palavras automaticamente ao ler um texto, sabemos que esta leitura está operando inconscientemente no cérebro desses leitores (Puliezi e Maluf, 2014, p. 474).

Percebe-se, portanto, que o fato de o estudante ser um leitor fluente, não permite afirmar que é um leitor proficiente, ou seja, que consegue recorrer a diversas estratégias de leitura. Nesse sentido, a rapidez na leitura não está relacionada às estratégias, mas ao processo de formação de conexões entre os grafemas-fonemas, as palavras que formam a frase, as frases que instituem o período e os períodos que formam o parágrafo.

Outro aspecto da fluência de leitura refere-se à automaticidade. De acordo com Morris *et al*. (2010), a automaticidade é identificada pela velocidade em que o estudante realiza a leitura. A prática de ler fortalece as conexões entre padrões de palavras e letras na memória de longo prazo, isso faz com que esses padrões de letras na memória possam ser processados como unidades, ou seja, o cérebro não ler letras, ele ler palavras armazenadas na memória de longo prazo, que são evocadas durante a leitura.

Outra característica da automaticidade está relacionada à capacidade autônoma do leitor. Isso significa que o leitor automático consegue ler com velocidade e estabelecer sentido ao que foi lido. Por exemplo, ao assistir a um filme legendado, o leitor fluente consegue rastrear a parte inferior da tela e prestar atenção às cenas do filme. Essa interferência das imagens da cena compromete a automaticidade no processo de leitura da legenda.

Portanto, a automaticidade permite que os recursos cognitivos sejam usados para melhorar a aprendizagem da leitura, pois "à medida que a automaticidade se desenvolve para habilidades como o reconhecimento de palavras, os recursos de atenção tornam-se disponíveis para compreensão" (Morris *et al*., 2010, p. 124). Assim, os estudantes deixam de realizar a decodificação letra por letra ou sílaba por sílaba para ler palavras ou conjunto de palavras já consolidadas em sua memória de longo prazo. Isso significa que as crianças que possuem habilidades eficientes de reconhecimento de palavras devem ser capazes de ler fluentemente o texto conectado e entender melhor o que leem.

Por fim, outra característica inerente ao processo de fluência de leitura é a prosódia. Para Puliezi e Maluf (2014, p. 479), "essa última dimensão da fluência na leitura é a habilidade de ler com prosódia, ou seja, de ler com expressão apropriada, ritmo e entonação, permitindo a manutenção do significado". Nesse sentido, compreende-se que a prosódia é fundamental para a leitura, pois contribui diretamente para a fluência, compreensão e interpretação do texto.

A prosódia está relacionada à entonação da voz durante a leitura, ao ritmo empregado durante o ato de ler, à pausa e a ênfase que o leitor utiliza ao ler, refletindo o modo como a fala é estruturada e interpretada. Segundo Stahl *et al*. (2004, p. 37),

> A leitura prosódica, ou leitura com expressão, é amplamente considerada uma das marcas da conquista da fluência de leitura. Quando uma criança está lendo prosodicamente, a leitura oral soa muito parecida com a fala com fraseado apropriado, estruturas de pausa, estresse, padrões de ascensão e queda e expressividade geral.

Nesse sentido, a leitura prosódica facilita a intepretação correta do texto, permitindo ao leitor perceber o sentido de frases mais complexas e identificar as emoções ou intenções subjacentes às palavras. Por isso, não se ler um poema da mesma forma que se ler uma notícia de jornal ou retirada da *internet*. Portanto, a prosódia melhora a fluência de leitura ao promover um processo mais natural e coerente, evitando uma leitura robotizada, na qual as palavras são pronunciadas pausadamente e de maneira isolada e desconexa com as demais que formam o texto.

Evidentemente, a leitura com uma prosódia rica é mais envolvente, tanto para o leitor quanto para quem ouve. Conforme Stahl *et al*. (2004), para ler prosodicamente, o estudante deve ser capaz de fazer mais do que decodificar o texto e traduzir a pontuação em fala. Ele precisa também incorporar a ascensão e a queda comuns do tom de voz, como ocorre em uma conversa. Por exemplo, num texto do tipo narrativo, precisará marcar as falas dos personagens segundo as características de cada um. Isso inclui uma série de características da fala que, em conjunto, é percebida pelo ouvinte como uma representação expressiva do texto lido.

O desenvolvimento da prosódia também contribui para a compreensão da estrutura sintática das sentenças que formam o texto, e isso auxilia na compreensão de textos mais longos ou mais complexos. Além disso, Solé (1998) destaca que as crianças em processo de alfabetização desenvolvem melhor a consciência fonológica e sintática quando o professor trabalha com a prosódia durante as aulas de leitura, o que contribui para a formação de leitores fluentes.

Koch e Elias (2016) também reforçam a ideia de que a prosódia permite a interpretação das emoções e intenções do texto empregadas pelo autor, pois a leitura é um processo de interação entre leitor-texto-autor. Ademais, o trabalho pedagógico com textos literários, como poemas, ou texto narrativos, como os contos maravilhosos, enriquece a experiência da leitura e a compreensão mais profunda dos personagens e do enredo. Assim, a prosódia é um componente essencial não só para a fluência na leitura, mas também para a interpretação e apreciação mais completas de textos orais e escritos.

Nesse contexto, de acordo com Solé (1998), Koch e Elias (2016), Villardi (1999), Puliezi e Maluf (2014), pode-se destacar três perfis de leitor: o leitor fluente; o leitor; e o Pré-leitor. Desse modo, o leitor fluente caracteriza-se no caso de o estudante ter domínio das

propriedades do sistema de escrita alfabética e da ortografia do português brasileiro e apresentar leitura automatizada. Além disso, ser capaz de produzir sentido ao texto lido. No caso do estudante caracterizado como leitor, é aquele que dominou somente as regras do sistema de escrita alfabética e conhece parcialmente a ortografia da língua portuguesa brasileira, consequentemente, ainda não consegue ler com fluência. Por fim, o estudante que ainda não se encontra no nível alfabético em relação ao domínio do sistema de escrita, isto é, não desenvolveu todas as habilidades para desenvolver uma leitura oral, é conhecido como pré-leitor.

Portanto, a fluência de leitura está relacionada, principalmente, à capacidade de ler um texto com agilidade, fluidez e compreensão, sem que o leitor faça muito esforço para isso. Ser um leitor fluente não resume-se a decodificar com rapidez uma palavra ou um conjunto de palavras que formam uma sentença, mas compreender o que está sendo informado pelo texto. Mas para isso, o professor precisa explorar nas suas aulas as habilidades que tornam o estudante um leitor fluente.

Diante do exposto, na próxima seção, discutimos os aspectos metodológicos desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa, que teve como objetivo *compreender o nível de fluência leitora dos estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Santarém Novo-PA*, assumiu uma abordagem de natureza qualitativa e do tipo exploratória. A pesquisa qualitativa, segundo Oliveira (2014, p. 59), possibilita "explicar com profundidade o significado e as características do resultado de informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa", porém não se trata de substituir uma simples informação estatística por dados qualitativos.

O contexto da investigação foram dez escolas da rede municipal de Santarém Novo-PA que participaram da avaliação de fluência leitora. Essas instituições são caracterizadas como escolas de grande, médio e pequeno porte, sendo algumas pólo e outras nucleadas, ou seja, atendidas administrativa e pedagogicamente pelas escolas polarizadas. Essas instituições de ensino têm alunos matriculados regularmente em turmas regulares e turmas multisseriadas, que devido o número incipiente de estudantes, as turmas são organizadas em regime multisseriado.

Nesta pesquisa, considerou-se os estudantes que participaram do processo de avaliação para verificar a fluência de leitura, ou seja, as crianças do 2º ano. Essa avaliação é uma parceria entre os sistemas de ensino (municipal e estadual), Associação Bem Comum e Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF) e o Ministério da Educação (MEC) que buscam garantir a alfabetização das crianças até o final do 2º ano do Ensino Fundamental. Essa parceria foi firmada por meio do Programa de Alfabetização em Regime de Colaboração (PARC), que realiza as avaliações da fluência em leitura.

Os dados desta pesquisa são os resultados da avaliação da fluência em leitura, realizada em 2023, mas divulgados neste ano, 2024. Essas avaliações têm como objetivo aferir o desempenho dos participantes, que estão em fase de alfabetização, em leitura de palavras e textos. O CAEd/UFRJ, em 2023, realizou duas avaliações, uma no início do ano, para verificar o perfil de entrada do estudante, e uma no final do ano, para verificar o perfil de saída das crianças que cursaram o 2º ano do Ensino Fundamental. Desse modo, nesta pesquisa, foi utilizado somente os resultados da segunda avaliação aplicada pelo CAEd/UFRJ.

O processo de categorização para fins de compreensão do perfil leitor dos participantes seguiu a classificação dada pelo CAEd/UFRJ: nível 1 (não conseguiu realizar o teste, dizendo letras ou palavras que não constavam na avaliação); nível 2 (nomeou isoladamente letras para tentar ler a palavra); nível 3 (leu as palavras silabando); nível 4 (leu corretamente até 10 palavras), nível 5 (leitor iniciante); e nível 6 (leitor fluente). Essa classificação possibilitou compreender o nível de leitura dos participantes por escola.

Diante disso, os resultados divulgados pelo CAEd/UFRJ foram interpretados a partir do método de Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), isto é,

> um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdos das mensagens indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

Desse modo, a leitura e compreensão dos resultados foram submetidos ao processo de pré-análise, exploração do material empírico e interpretação dos resultados obtidos na avaliação de fluência em leitura. No momento da pré-análise, conforme a classificação dada pelo CAEd/UFRJ, foi verificado os níveis indicados nos testes. Para isso, foi realizada a leitura do material para fins de organização do corpus de análise, o levantamento de hipóteses e, por fim, a preparação dos textos para a análise propriamente dita. Em seguida, foi realizada

a exploração do material empírico, a fim de estabelecer as categorias conforme os níveis dos participantes. Finalmente, na etapa de interpretação dos resultados, foram realizadas inferências, isto é, reflexões com base na compreensão do nível de fluência em leitura apresentado pelos estudantes, fundamentadas na referência teórica adotada nesta pesquisa e nos indicadores de fluência leitora.

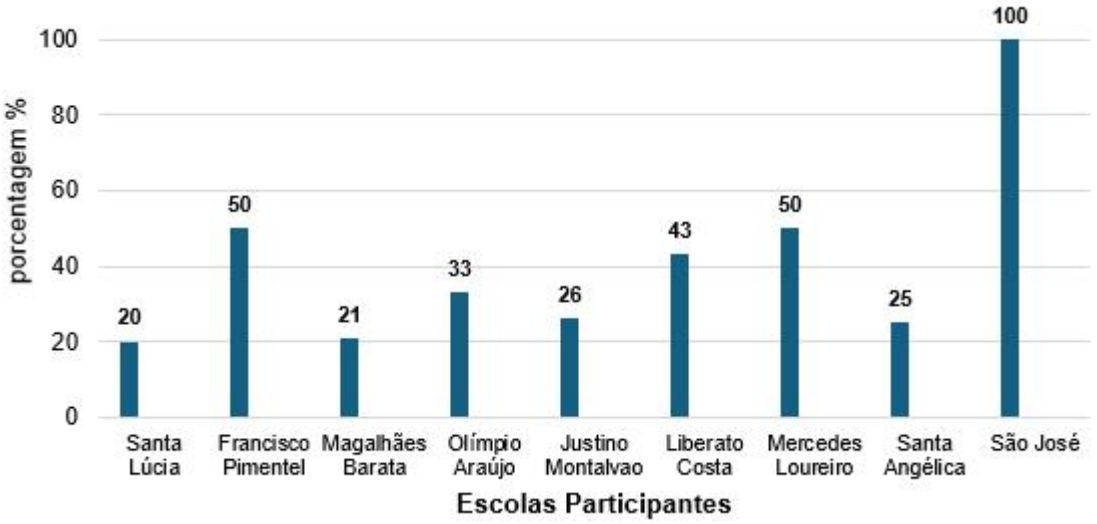
4 ANÁLISE E RESULTADOS

Esta pesquisa evidenciou que a Avaliação de Fluência Leitora, criada pelo CaEd/UFRJ, consiste em uma ferramenta diagnóstica que possibilita verificar a proficiência em leitura de estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental, buscando indicadores para ações que melhorem a alfabetização das crianças. Desse modo, foi possível perceber o nível de desenvolvimento das habilidades de leitura dos participantes por escola, tendo como foco a precisão, a velocidade e a expressividade durante as atividades de leitura.

Infere-se também que a AFL é fundamental para que o professor alfabetizador acompanhe o processo de alfabetização de seus alunos, sobretudo, verificar se os estudantes estão atingindo os marcos de fluência leitora esperados para o 2º ano do Ensino Fundamental. Além disso, o docente pode identificar possíveis dificuldades de leitura que venham a comprometer o processo de compreensão textual e a aprendizagem de conceitos e procedimentos de outras disciplinas do currículo escolar.

Diante disso, os resultados desta pesquisa indicaram que das dez escolas que participaram da avaliação de fluência leitora, somente uma delas não apresentou estudantes do 2º ano no nível pré-leitor 2, conforme o gráfico 1.

Gráfico 1 - Estudantes Pré-Leitores 2
(Soletrou)



Fonte: Caed/UFRJ, 2024.

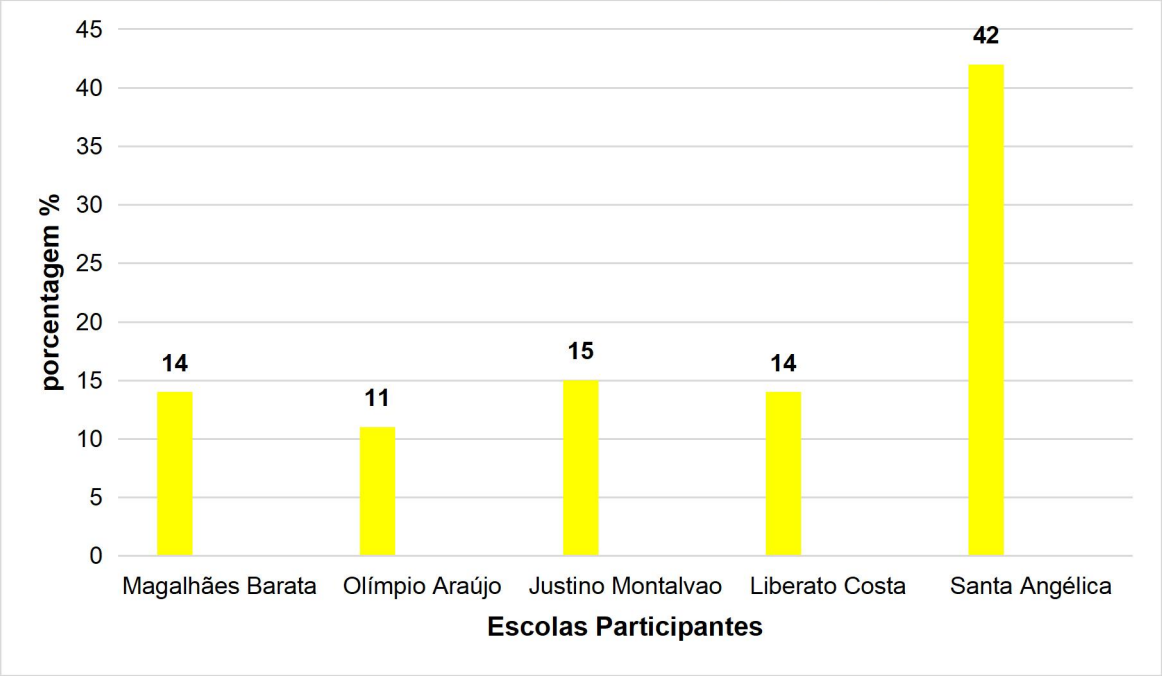
O gráfico 1 mostra o resultado do nível de fluência leitora de estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental que se encontravam como pré-leitores, ou seja, aqueles que conseguiram realizar as atividades de leitura por meio do processo de soletração. Nesse sentido, esses indicadores podem servir para a construção de ações de apoio pedagógico, pois fornece informações detalhadas que podem orientar a organização do trabalho pedagógico por meio de estratégias específicas para a melhoria do processo de alfabetização das crianças. Ademais, os resultados da AFL auxiliam na formulação de políticas educacionais, mesmo que seja no âmbito municipal, voltadas para a consolidação da alfabetização das crianças até o final do 2º ano do Ensino Fundamental.

O gráfico 1 mostrou uma estatística preocupante, visto que há uma escola em que todos os alunos do 2º ano ainda leem silabando. Além disso, cerca de três escolas possuem metade da turma nesse nível de leitura, ler silabando. Sobre essa situação, Morais (2012, p. 23) afirma que "a ausência de progressão no que é ensinado e aprendido ao longo do primeiro ciclo, como consequência da ausência de metas específicas para cada um dos anos que o compõem". Portanto, a equipe de gestão da escola e da secretaria de educação deveriam ser mais exigentes com o ensino de alfabetização que está sendo praticado pelos professores, estabelecendo metas para cada ano do ciclo de alfabetização.

As pesquisas de Solé (1998), Villardi (1999) e Morais (2012) têm mostrado que as práticas de alfabetização tendenciam para o trabalho isolado com as famílias silábicas. Nesse

sentido, o gráfico 2 mostra os indicadores de estudantes do 2º ano que ainda leem por meio da silabação.

Gráfico 2 - Estudantes Pré-Leitores 3 (Silabou)



Fonte: Caed/UFRJ, 2024.

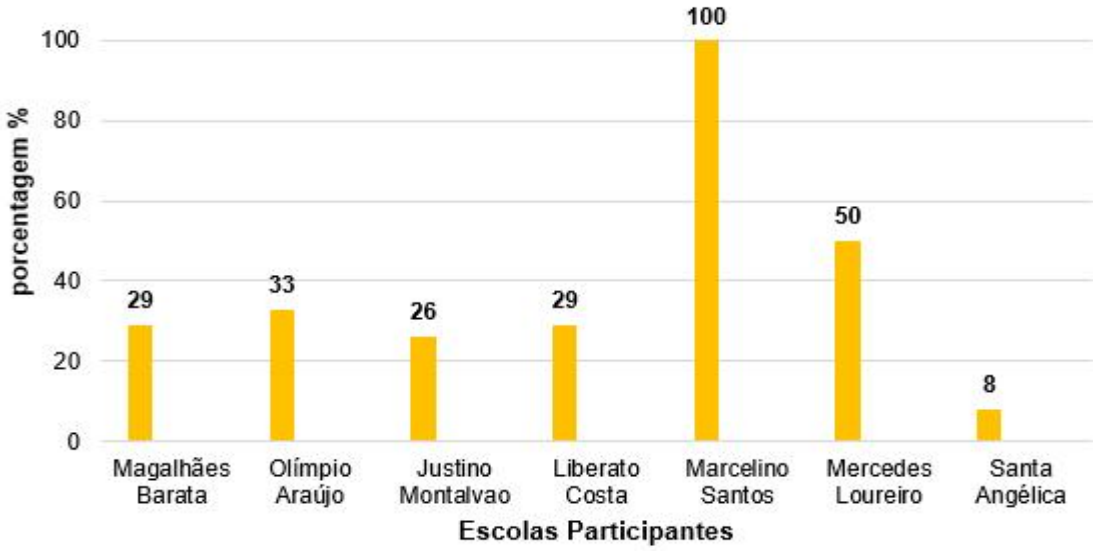
Os resultados do gráfico 2 mostra que muitas escolas ainda focam a prática de alfabetização do processo de silabação ou relação fonografêmica. Essa prática parte do pressuposto de que para aprender a ler é necessário primeiramente aprender as letras, em seguida as famílias silábicas para depois ler palavras e frases inventadas ou pseudofrases. De acordo com Solé (1998), as atividades de leitura ou de alfabetização precisam levar em consideração textos reais que circulam nas diversas esferas sociais nas quais as crianças fazem parte. Então, as atividades de alfabetização devem parte de gêneros textuais como poemas, parlendas, lendas, fábulas etc.

Além disso, o gráfico 2 possibilita inferir que a prática de alfabetização centrada no processo de silabação considera que as propriedades do sistema de escrita já estão prontas na mente do estudante, e que basta ele repetir o nome das letras e juntá-las para formar sílabas, desconsiderando que a criança pré-silábica não sabe como funcionam as relações grafofonêmicas. Segundo Morais (2012), o estudante no início do processo de alfabetização ainda não concebe a ideia de que o fonema pode ser considerado como unidade isolada, assim como não compreende e não aceita que duas letras isoladas (OI – PÁ) formam uma palavra e

podem ser lidas. Portanto, deve haver um investimento na formação dos professores alfabetizadores, ou seja, o alfabetizador precisa estudar teorias da alfabetização.

Outro aspecto avaliado foram os alunos que conseguiram ler até 10 palavras, considerando-os como nível 4 de classificação, conforme gráfico 3.

Gráfico 3 - Estudantes Pré-Leitores 4 (Leu até 10 palavras)



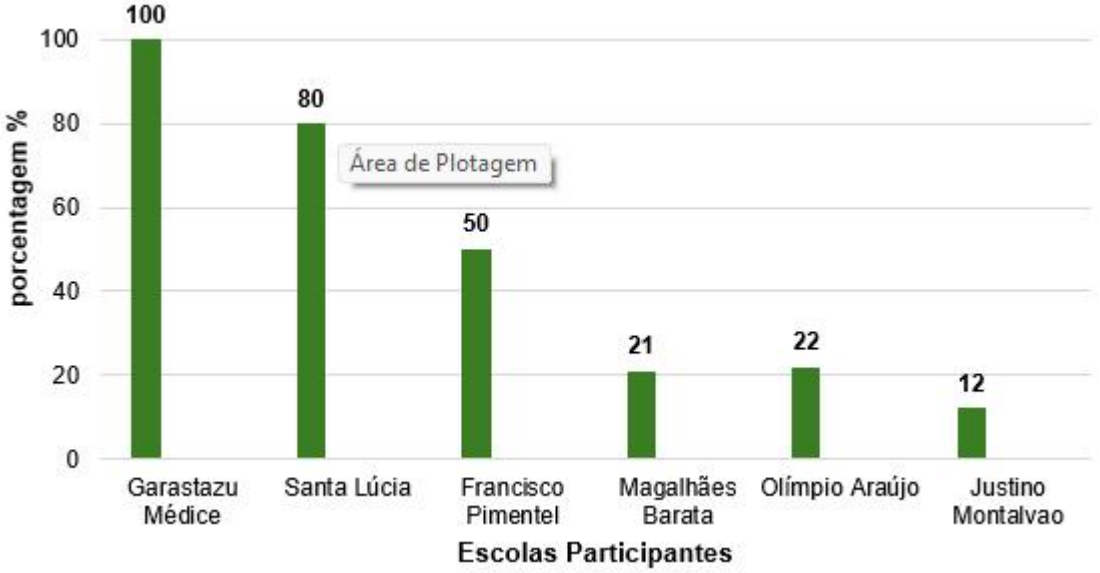
Fonte: Caed/UFRJ, 2024.

Nota-se no gráfico 3 que em uma escola toda a turma encontrava-se no nível 4, ou seja, ainda não havia leitores iniciantes. As demais variavam entre 25% e 50% dos alunos encontravam-se nesse nível. Mais um indicador de que a alfabetização das crianças precisa de maior atenção. Isso possibilita concluir que o foco das aulas está no método fônico, em que relaciona letra por letra aos seus respectivos sons, não havendo um trabalho para a leitura global da palavra ou do texto.

Os resultados anteriores indicaram que a maioria dos alunos que participaram da AFL eram pré-leitores, desde o aluno que soletra ao aluno que lê até dez palavras. Isso aponta que as crianças do 2º ano do Ensino Fundamental ainda estão no estágio inicial no desenvolvimento da leitura, em que ela ainda não domina habilidades específicas de decodificação e reconhecimento de palavras. Contudo, o professor pode explorar os conhecimentos prévios que os estudantes trazem acerca da escrita e da leitura, visto que antes de ler, a criança já constrói significados a partir de sua interação com o ambiente letrado. Por isso, Solé (1998) destaca a importância de desenvolver estratégias de leitura desde cedo, mesmo antes do aprendizado formal.

Os leitores iniciantes, segundo o Caed/UFRJ (2024), são os estudantes, que no teste de fluência, conseguiram ler, em até 1 minuto, mais dez palavras e/ou mais de seis pseudopalavras. O gráfico 4 mostra o rendimento dos estudantes avaliados por escola.

Gráfico 4 - Estudantes Leitores Iniciantes



Fonte: Caed/UFRJ, 2024.

O resultado da AFL mostrou que as escolas Liberato Costa, Marcelino Santos, Mercedes Loureiro, Santa Angélica e São José não possuem estudantes no nível de leitor iniciante. Essa é uma realidade que aponta para o fracasso da alfabetização das crianças, pois os estudantes que não alcançaram o perfil de leitor iniciante ainda não conhecem as propriedades do sistema alfabético.

Por outro lado, o leitor iniciante, conforme os estudantes das escolas do gráfico 4, já se apropriaram do funcionamento das propriedades do sistema de escrita alfabética. De acordo com Morais (2012), o leitor iniciante, inicialmente, coloca uma letra para cada fonema e ainda comete muitos erros ortográficos, pois ainda não domina as convenções de nosso sistema alfabético.

Na escola Garastazu Médici, segundo o gráfico 4, todos os alunos estão na fase do processo de aprendizagem da leitura em que começaram a compreender que existe uma relação entre os grafemas (letra) e os fonemas (som). Nesse nível, eles já sabem que as letras representam sons e que é possível combiná-las para formar palavras. Contudo, vale ressaltar que a escrita das crianças tende a ser fonética, isto é, elas escrevem como falam ou escutam as palavras oralizadas. Por exemplo, ao invés de escrever “amigo”, escrevem “amigu”.

Sobre o leitor iniciante, Solé (1998) e Morais (2012) destacam que ao iniciar essa fase, a criança acredita no princípio alfabético, ou seja, que cada letra equivale a um (único) som e cada som deveria ser notado por um (única) letra. Desse modo, após a fase alfabética, o trabalho pedagógico deve ser pautado nas convenções som-grafia.

Entre as escolas ou turmas avaliadas, destaca-se a turma do 2º da escola Magalhães Barata, pois foi a única turma composta por estudantes que se encontram em todas as fases classificadas pela AFL. Nesse sentido, 21% dos alunos são pré-leitores nível 1, ou seja, que não conseguem ler; 14% são pré-leitores nível 2, ou seja, somente soletram; 7% são pré-leitores nível 3, isto é, leem silabando; 29% são pré-leitores nível 4, isto é, leem somente palavras soltas, pois têm dificuldades de ler pequenos textos; 21% são leitores iniciantes, ou seja, são crianças alfabéticas; e somente 7% são considerados leitores fluentes. Nessa turma, a professora alfabetizadora precisa desenvolver um trabalho com estratégias e atividades de alfabetização/leitura diversificadas. Por exemplo, leitura compartilhada, em que a alfabetizadora deve ler junto com as crianças, ajudando-as a identificarem palavras e sons. Além disso, atividades com alfabeto móvel de letras e de sílabas para formar palavras e atividades que estimulem a leitura de textos simples, ou seja, textos curtos e de vocabulário familiar para que elas pratiquem a leitura.

De modo geral, a AFL realizada no município de Santarém Novo-PA evidenciou que ainda há um longo caminho em direção da alfabetização das crianças, e que as turmas são bastante heterogêneas em relação as habilidades de leitura. Isso implica numa prática pedagógica que considere os diversos tipos de leitores. Para isso, a secretaria de educação, juntamente com as coordenações escolares e a equipe de formação de professores, precisa organizar uma política municipal de formação de alfabetizadores, um trabalho que atenda as demandas das escolas, mesmo que o município esteja pactuado com a política estadual e nacional de alfabetização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou refletir sobre a importância de utilizar instrumentos avaliativos que indiquem o nível de leitura das crianças. Diante disso, foi evidenciado que as turmas de alfabetização de Santarém Novo-PA, além de apresentarem uma diversidade de alunos com níveis distintos de leitura frequentando a mesma sala de aula, encontram-se muito longe de terem todos os seus alunos, ao final do 2º ano do Ensino Fundamental, com

habilidades linguísticas de um leitor fluente consolidadas. Pelo contrário, cerca de 70% dos estudantes que participaram da AFL, exceto os estudantes da escola Garastazu Médici, que estão todos no nível de leitores iniciantes, são pré-leitores nível 4, ou seja, crianças que leem somente palavras soltas, formadas por sílabas canônicas, e que não consolidaram as propriedades do sistema alfabético.

Em termos do trabalho pedagógica com as turmas de alfabetização, os alfabetizadores precisam garantir o acesso dos estudantes a materiais de leitura como livros ilustrados, textos do tipo informativo, jogos de alfabetização e materiais manipulativos, todos adequados à fase de alfabetização. Ademais, o município deve investir na formação de seus alfabetizadores, possibilitando que estudem e pesquisem sobre teorias da alfabetização e práticas pedagógicas de sucesso.

Conhecer a fluência leitora dos estudantes é essencial para o professor alfabetizador conhecer o desenvolvimento da leitura das crianças em fase de alfabetização. Por isso, esta pesquisa apontou que as atividades de leitura desempenham um papel central no processo de alfabetização das crianças, visto que proporcionam a elas oportunidades de interagir com o sistema de escrita de forma significativa, desenvolvendo habilidades essenciais para compreender e produzir textos de diversos gêneros.

Portanto, pode-se inferir que avaliar a fluência leitora das crianças em fase de alfabetização pode ser essencial para garantir que as escolas, as coordenações pedagógicas e os professores planejem ações com a finalidade de oportunizar que as crianças avancem de forma equilibrada na leitura. Essa prática pode permitir que o alfabetizador ajuste o ensino às necessidades individuais dos estudantes ou de grupos de estudantes que se encontram no mesmo nível de leitura, promovendo o desenvolvimento pleno das habilidades leitoras e, consequentemente, a compreensão textual, a autonomia e o prazer pela leitura.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: edições 70, 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. **Lei n. 9.394/96**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/**Leis**/L9394.htm. Acesso em: 24 dez. 2024.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e Argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORRIS, Robin. *et al*. Becoming a Fluent and Automatic Reader in the Early Elementary School Years. **Educ Psychol**, Georgia, EUA, v. 96, p. 119-129, mar. 2010. Disponível em: nihms131455.pdf. Acesso em: 20 set. 2024.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PULIEZI, Sandra. MALUF, Maria Regina. A fluência e sua importância para a compreensão leitora. **Psico-USF**, São Paulo, v. 19, p. 467-475, dez. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusf/a/jdXqdwBLBRhVswxj4Yj3dYs/?lang=pt. Acesso em: 21 set. 2024.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STAHL, Steven. *et al*. Becoming a Fluent Reader: Reading Skill and Prosodic Features in the Oral Reading of Young Readers. **Educ Psychol**, Georgia, EUA, v. 84, p. 35-57, jan. 2010. Disponível em: nihms131460.pdf. Acesso em: 22 set. 2024.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

AGRADECIMENTOS
Não se aplica.

FINANCIAMENTO
Não se aplica.

CONFLITOS DE INTERESSE
Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política e financeira referente a este manuscrito.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA
Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM
Não se aplica.

DIREITOS AUTORAIS
Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Comunicação Universitária - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

OPEN ACCESS
Este manuscrito é de acesso aberto (*Open Access)* e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*).. O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la - ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.

LICENÇA DE USO
Licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

VERIFICAÇÃO DE SIMILARIDADE
Este manuscrito foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o *software* de detecção de texto iThenticate da Turnitin, através do serviço *Similarity Check* da Crossref.

PUBLISHER
Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). Publicação no Portal de Periódicos da Universidade do Estado do Pará. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.

HISTÓRICO
Submetido: 17 de dezembro de 2024
Aprovado: 24 de dezembro de 2024.
Publicado: 26 de dezembro de 2024.